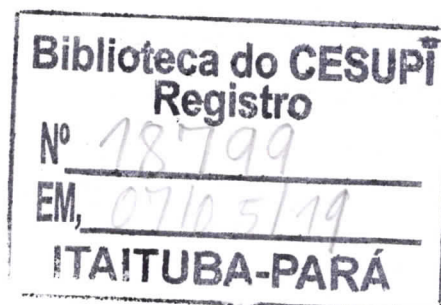




CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MATHEUS DE JESUS FERREIRA SILVA

**O ESTEREÓTIPO DA HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA: UM
OLHAR COMPARATIVO ENTRE O PERÍODO CLÁSSICO E A
CONTEMPORANEIDADE**



400
S586e

Itaituba – PA
2019

MATHEUS DE JESUS FERREIRA SILVA

**O ESTEREÓTIPO DA HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA: UM
OLHAR COMPARATIVO ENTRE O PERÍODO CLÁSSICO E A
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Railane Esmeralda Cruz
Figueira

Itaituba – PA

2019

MATHEUS DE JESUS FERREIRA SILVA

**O ESTEREÓTIPO DA HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA: UM
OLHAR COMPARATIVO ENTRE O PERÍODO CLÁSSICO E A
CONTEMPORANEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Railane Esmeralda Cruz
Figueira.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: 10
Prof.^a RAILANE ESMERLDA CRUZ FIGUEIRA

Avaliadora 1: _____ Nota: 9,9
Prof.^a WALBEA LUCIA LOBATO LOBATO MARTINS

Avaliadora 2: _____ Nota: 10
Prof.^a RAIMUNDA BENTES

Resultado: Aprovado

Nota: 9,9

Data: 28 de março de 2019.

À minha mãe Alderlene, pelo incentivo aos estudos. Ao meu padrasto Mário é meu irmão Gabriel por me ajudarem a seguir na trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida e me abençoa todos os dias com o seu amor infinito, e por ter me dado ânimo e força para concluir este trabalho;

Agradeço à minha mãe Alderlene, que batalhou muito para me oferecer uma educação de qualidade. Aos meus familiares e padrasto Mário, que sempre acreditaram no meu potencial e nunca negou uma palavra de incentivo;

Agradeço aos meus mestres, e principalmente a Professora Railane Esmeralda Cruz Figueira, que serviram de exemplo para que eu me tornasse um profissional melhor a cada dia, e que se dedicaram a esclarecer minhas dúvidas;

Meu eterno agradecimento a todos os meus amigos, que deram uma contribuição valiosa para a minha jornada acadêmica. Obrigada pelos conselhos, palavras de apoio, puxões de orelha e risadas. Só tenho a agradecer e dizer que esse TCC também é de vocês.

*"A ignorância não ficar tão distante
da verdade quanto o preconceito".*

Denis Diderot.

RESUMO

Esta pesquisa constitui-se em um estudo voltado para uma investigação do comportamento dos homossexuais nos períodos clássico e contemporâneo, considerando os estereótipos que são construídos em determinados períodos e se concebe sobre os personagens. As narrativas que têm como personagens homossexuais, dependendo do período de sua obra revelam exatamente os estereótipos construídos nessas obras literárias, com suas peculiaridades individuais, e seus padrões evidenciados pela sociedade. O principal objetivo deste trabalho, portanto, é evidenciar os estereótipos da homossexualidade construídos no período clássico e na contemporaneidade para se ter uma ideia da construção de valores construídos na sociedade acerca dos homossexuais presentes na literatura. Essa investigação será realizada por meio de busca de dados bibliográficos e trata-se de descobrir uma leitura de forma comparativa na literatura clássica e contemporânea, nas quais, são identificados e selecionados personagens homossexuais nas obras literárias, com o propósito de analisá-los para que se possa delinear um perfil das obras publicados, identificando os estereótipos construídos ao longo do tempo. O resultado esperado é mostrar personagens e autores homossexuais é refletir o papel da Literatura sobre o combate ao preconceito aos homossexuais. Mediante os dados do estudo, conclui-se que os objetivos foram alcançados, a qual vem abordando as obras literárias que deriva a representação da homossexualidade, perante a compreensão tradicionalista em situações habitais, diante dos contextos sócio- culturais e históricos em que foram elaborados, na qual a, literatura tem conexão com as questões sociais, mesmo que não seja perceptível numa visão simplória. Assim, diante da compreensão do que foi apresentado é necessário abandonar as camuflagens, os tabus e os rótulos que permeiam a sociedade desde a antiguidade clássica.

Palavras-chave: Literatura. Homossexualidade. Estudo Comparativo. Obras Literárias. Personagens Homossexuais.

ABSTRACT

This research is a study of homosexuality in classical and contemporary periods, considering the stereotypes conceived about prejudice in works and authors who produce novels and homosexual characters. The narratives they have as homosexual characters, depending on the period of their work, reveal exactly the stereotypes constructed in these literary works, with their individual peculiarities, and their patterns evidenced by society. The main objective of this work, therefore, is to highlight the stereotypes of homosexuality constructed in the classical period and in the contemporaneity in order to have an idea of the construction of values constructed in the society about the homosexuals present in the literature. This research will be carried out by searching for bibliographical data and it is a question of discovering a comparative reading in classical and contemporary literature, in which homosexual characters are identified and selected in literary works, with the purpose of analyzing them so that it is possible to delineate a profile of the published works, identifying the stereotypes constructed over time. The expected result and showing homosexual characters and authors is to reflect the role of Literature on combating prejudice against homosexuals. Through the data of the study, it is concluded that the objectives have been reached, which has been approached the literary works that derive the representation of homosexuality, before the traditionalist understanding in habitual situations, before the socio-cultural and historical contexts in which they were elaborated, in which literature has a connection with social issues, even if it is not perceptible in a simplistic view. Thus, in the face of the understanding of what has been presented, it is necessary to abandon the camouflages, taboos and labels that have permeated society since ancient times.

Keywords: Literature. Homosexuality. Comparative study. Literary works. Homosexual characters

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 ACEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?	11
2.2 A HOMOSSEXUALIDADE PERCEPTIVEL NO ASPECTO DA LITERATURA... 13	
2.3 A HOMOSSEXUALIDADE NO PERÍODO CLÁSSICO	18
2.4 HOMOSSEXUALIDADE NO PERÍODO CONTEMPORÂNEO	21
3 METODOLOGIA.....	26
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	26
3.2 A METODOLOGIA DA ANÁLISE LITERÁRIA	27
3.3 COLETA DOS DADOS	28
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS.....	29
4.1 O REGISTRO DA HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA.....	29
4.2.1 HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA CLÁSSICA: BANQUETE DE PLATÃO	30
4.2.2 HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA CLÁSSICA: CÓDIGO DE HAMMURABI E SAFO DE LESBOS	32
4.2.3 HOMOSSEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: O CORTIÇO	36
4.2.4 HOMOSSEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: OBRAS MACHADIANAS.....	37
4.2.5 HOMOSSEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: REGISTROS POÉTICOS	40
4.2.6 HOMOSSEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: REGISTROS EM DIVERSOS CONTOS E ROMANCES.....	43
5 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

A temática desenvolvida nessa pesquisa é sobre a homossexualidade na Literatura. É importante que se considere o papel desta em evidenciar determinados valores construídos na sociedade. Assim, esse estudo é voltado para uma investigação do comportamento dos homossexuais nos períodos clássico e contemporâneo, considerando os estereótipos que são construídos em determinados períodos e se concebe sobre os personagens.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa é evidenciar os estereótipos da homossexualidade construídos no período clássico e na contemporaneidade para se ter uma ideia da construção de valores alicerçados na sociedade acerca dos homossexuais presentes na literatura. Como objetivos específicos tem-se: Compreender o que são estereótipos e como são construídos na literatura acerca da homossexualidade; identificar personagens e autores que evidenciam a homossexualidade na literatura; refletir sobre o papel da Literatura considerando o combate ao preconceito aos homossexuais.

Nesse contexto, considera-se comum se perceber a homossexualidade com descaso, repúdio e preconceito por uma sociedade cheia de estereótipos negativos envolvendo relacionamento entre pessoas do mesmo sexo. A literatura, exercendo sua função social de denunciar dada realidade, aborda sobre essa questão para evidenciar regras sociais que mascaram o contexto social, uma vez que aqueles que fogem ao parâmetro de normalidade são considerados marginalizados, excluídos e criminosos. Viabilizar acesso a essas abordagens literárias são de grande importância para a quebra de muitos preconceitos. Daí a relevância de se viabilizar um estudo literário sobre esses estereótipos que são construídos tanto no período clássico e quanto na atualidade.

Mesmo com campanhas para abolir o preconceito é perceptível práticas de discriminação para com aqueles indivíduos que optam por se relacionar com pessoas do mesmo sexo. Com a transformação sócio- cultural do indivíduo, vários estereótipos sobre os homossexuais são (re) construídos. A literatura aborda sobre essa temática de forma bastante sutil e é preciso se ter um olhar atento para identificar a homossexualidade em registros literários em determinados períodos.

As questões que contribuem para direcionar essa pesquisa são: Como o estereótipo sobre a homossexualidade é construído na literatura na era clássica e

na contemporaneidade? De que maneira esses estereótipos podem contribuir com a discussão sobre os preconceitos aos homossexuais? Por que essa temática é abordada de forma tão sutil pela Literatura? Quais mudanças podem ser observadas entre o tratamento dos homossexuais na Literatura Clássica e na Literatura Contemporânea?

Para responder tais questões, a referida investigação foi feita por meio de pesquisa bibliográfica, sendo elaborada uma pesquisa obedecendo a critérios teórico- metodológicos voltados para análise literária, que será abordada no item específico sobre a metodologia adotada. Recorreu-se a autores renomados que fundamentam essa pesquisa, tais como: Cortazar (1993), Foucault (1988), Fontes (2003), Gil (2008), Lemos (2013). que são os principais teóricos citados para embasamento do referido trabalho.

A estrutura dessa pesquisa está efetivada em Introdução, contendo a abordagem da Temática, Objetivos, Justificativa, Metodologia, questões norteadoras, principais autores e como a pesquisa está estruturada; Na Fundamentação Teórica, são discorridos os seguintes tópicos: Acepções teóricas sobre a homossexualidade, a homossexualidade perceptível no aspecto da literatura, homossexualidade no período clássico, homossexualidade no período contemporâneo.

Por sua vez, na metodologia faz-se consideração sobre abordagem da pesquisa, análise literária e coleta dos dados e, em seguida, os dados são analisados considerando os períodos clássicos e contemporâneos, sendo discutidos trechos de obras que evidenciam a homossexualidade nos referidos períodos literários. E, por fim, são feitas as considerações finais a respeito da pesquisa em questão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ACEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE?

O que deriva a homossexualidade? Qual sua origem? É uma alternativa ou uma determinação da natureza biológica? São questionamentos de uma impossível ou difícil resposta no contemporâneo argumento científico e tecnológico, que geram várias discussões.

Em uma edição publicada no dia de 25 de julho de 2008, a revista *Veja* ocasionou um registro cujo título é “A diferença se vê no cérebro” (VIEIRA, 2008, p. 168) O argumento remete a um estudo (divulgada pelo Stockolm Brain Institute, do Instituto Karolinska, na Suécia) que verificaria um fator biológico a interferir na consignação da orientação sexual. A pesquisa conclui que os encéfalos de indivíduos homossexuais são mais equivalentes aos de sujeitos do sexo adverso ao seu do que aos de heterossexuais da mesma genitália biológica.

Para a coleta de informações, noventa indivíduos voluntários submeteram-se a tomografias e ressonâncias magnéticas na massa craniana, acercar-se as imagens sido capturadas em repouso — ou seja, sem o aguilhoamento de imagens alusivas ou de tarefas a serem efetivadas. Os pesquisadores observaram uma dessimetria, presente tanto em homens heterossexuais quanto em mulheres homossexuais: o hemisfério cerebral direito é um pouco maior que o esquerdo. Nos homens homossexuais e mulheres heterossexuais, o volume dos dois hemisférios é igual.

As informações mais relevantes, segundo a reportagem, foram examinadas nos acoplamentos das amígdalas cerebrais: na amígdala esquerda de homens gays e mulheres heterossexuais há mais conexões neuronais, enquanto que homens heterossexuais e lésbicas apresentam maior atividade das conexões na amígdala direita. A coordenadora do projeto, Ivanka Savic, pensa ser provável que essas diferenças se estabeleçam ainda no útero ou muito cedo na infância.

Alegar no texto, sem maiores detalhes, estudos precedentes que já teriam constatado essas analogias entre homossexuais e heterossexuais do sexo oposto. Que equivaler a estatística a qual indica que gênero masculino dos homossexuais e de mulheres heterossexuais, apresentam comportamento raso em afazeres de orientação e navegação (atividade processada pelo lobo parietal direito, mais

desenvolvido nos homens do que nas mulheres). Manifestar-se ainda diferente aspecto estatisticamente analisada:

Mulheres heterossexuais e homens homossexuais costumam sobressair nos testes verbais, o que pode ser explicado pela maior simetria dos circuitos da linguagem no cérebro feminino. Ou seja, elas utilizam os dois lados do cérebro para executar uma tarefa que os homens concentram apenas no hemisfério esquerdo (VIEIRA, 2008, p. 168-169).

Em 1935, inicia-se um novo estudo com respeito a sexualidade humana que entrevistaria, nos anos seguintes, vários cidadãos em toda área dos Estados Unidos. De autoria de Alfred Charles Kinsey, a pesquisa ficou popular como Relatório Kinsey. A publicação do primeiro volume do relatório, sobre a sexualidade masculina, intitulado *Sexual Behavior in the Human Male*, deu-se em 1948. O segundo volume, abordando a sexualidade das mulheres, foi publicado em 1953, com o título de *Sexual Behavior in the Human Female* (ALFRED; KINSEY, 2009).

O estudo chegou à conclusão de que os seres humanos não se classificam em apenas duas categorias sexuais, exclusivamente heterossexuais ou exclusivamente homossexuais, mas apresentam diferentes graus dessas características. Eis, resumidamente, os comportamentos sexuais listados por Kinsey: exclusivamente heterossexual; heterossexual ocasionalmente homossexual; heterossexual mais do que ocasionalmente homossexual; igualmente heterossexual e homossexual, (bissexual); homossexual mais do que ocasionalmente heterossexual; homossexual ocasionalmente heterossexual; exclusivamente homossexual; indiferente sexualmente (ALFRED; KINSEY, 2009).

Quanto à repercussão dessa pesquisa nos movimentos pró homossexuais, o site da Wikipédia sobre Alfred Kinsey registra que, como um resultado prático dos estudos de Kinsey, em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria excluiu a homossexualidade do rol das desordens mentais, não mais considerando os homossexuais quão diferentes ou passíveis de correção. A partir de 1986, a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença também pela Organização Mundial de Saúde (ALFRED; KINSEY, 2009).

Peter Fry e Edward McRae, em sua obra "O que é homossexualidade" Ponderam que a pergunta que dá título ao livro tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa, quando, na realidade, ela é "uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas

do mesmo sexo" (FRY; MCRAE, 1991, p. 07). Os autores opinam que não tem alguma verdade absoluta em relação a qual seja a homossexualidade, pois as ideias e práticas sobre o assunto são produzidas historicamente, no seio de diferentes realidades que têm, cada uma, sua própria interpretação dos papéis sociais que diferenciam sexo fisiológico de sexo social. Sobre isto, refletem os pesquisadores:

Baseando na constatação de que os papéis sexuais de "homem" e "mulher" variam de cultura para cultura e de época para época, é agora um lugar-comum observar que cada sociedade, classe e região tem a *mulher e o homem que merece*. Ninguém hoje em dia acredita que as diferenças de comportamento entre os dois sexos possam ser explicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são forjados socialmente (FRY; MACRAE, 1991, p. 10-11).

Vale destacar que segundo Brandão (2002), o termo "homossexual" foi utilizado pela primeira vez em 1869, por um médico belga Karl Maria Kertbeny, que na sua juventude tinha um amigo homossexual que se suicidou ao ser chantageado. Ele recordou mais tarde que esse episódio que o levou a interessar-se pelo tema da homossexualidade e de lutar pelas injustiças.

2.2 A HOMOSSEXUALIDADE PERCEPTÍVEL NO ASPECTO DA LITERATURA

Embora a literatura tenha uma série de seleções e manifestações a serem analisadas e discutidas, perante os embasamentos teórico encontra-se configuração de harmonizar-se. De acordo com Candido (2000), vem estar abordando sobre os fenômenos literários.

Convém principiar distinguindo manifestações literárias, de literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase [...] que se manifestam historicamente e fazem da literatura um aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive (CANDIDO, 2000, p. 23).

A concepção sistêmica a literatura e capaz de abranger, por meio de diversas maneiras, as quais as obras estejam postas como literatura, e não importa quem escreveu ou para quem escreveu. Com esse fundamento consegue-se discorrer

qualquer literatura homossexual, homoerótica e homoafetiva, que pode até ser um objeto de estudo nas questões sócias. Segundo Eagleton (2005):

Questões intelectuais já não são mais um assunto tratado em torres de marfim, mas fazem parte do mundo da mídia e dos shopping centers, dos quartos de dormir e dos motéis. [...] Essa trivialização da sexualidade é especialmente irônica, pois uma das mais destacadas conquistas da teoria cultural foi estabelecer gênero e sexualidade como legítimos objetos de estudo, como questões de persistente importância política (EAGLETON, 2005, p.15-16).

É de suma importância retratar os quesitos social e políticos em obras homossexual, para que não haja trivialidade sexuais e que possa ser um objeto de estudo. É evidente, que a literatura Homossexual pode ser aplicada como análise e temática, como qualquer tipo pesquisa ou estudo. Os contos publicados contêm tipos de papéis homossexuais, mesmo que ainda não seja protagonista, conforme Lopes (2002), as narrativas com personagens gays, já vem sendo publicado a muito tem no Brasil: "Com o Naturalismo é que se pode falar da emergência de uma prosa homotextual no Brasil, que terá implicações na representação do homossexual até o presente" (LOPES, 2002, p.126).

Virgínia Leal, expõe a respeito do quesito da natureza em desempenho nas obras literárias em especial de caráter homossexual: "Falar em literatura engajada ou militante" é, em princípio, fomentar um debate permanente a respeito da função das obras literárias, o que implica na sua conceituação, desde os tempos de Platão e Aristóteles" (LEAL, 2011, p. 387).

É perceptível que, os personagens homossexuais estão expostos desde a era clássica românica de Platão e Sócrates, e a generalização dos indivíduos inseridos na sociedade questionam esse fato, que essas obras e apenas para pessoas do grupo LGBT, debates dessa problemática se submerge no emprego exclusivo ou alegar que essa característica da literatura, seja referente de maneira singular de uma coletividade, mas independente de contos homoafetivos serve para leitores de ambos os sexos.

As publicações literárias têm por intuito de alcançar um público alvo, a ser idealizado nela, seja técnico, infanto-juvenil ou infantil. É com esse objetivo as publicações temáticas literárias homossexuais chegam a apresentar, de uma configuração da minoria social. A autora Leal traz em seu artigo, a concepção de Iris Young para retrata esse fato:

A questão da representação apresenta-se novamente complexa. Iris Young centra o seu conceito de representação baseado na natureza do relacionamento entre os representantes e seus representados. A sua tese, em que é enfatizada a perspectiva social, distanciando-se da noção de identidade, base das noções tradicionais de representação, em que os representantes teriam autorização para falar „como” seus representados (ao compartilharem a mesma identidade) ou „por” seus representados (quando autorizados) (LEAL, 2011, p.393).

Em conformidade do que foi tratado anteriormente, por meio das narrativas literárias ou, a própria literatura, é capaz de fazer que indivíduo homossexual encontre um suporte de consentimento social ou até mesmo o próprio aceitação. Em uma história a personalidade da figura dramática da obra, pode fazer que o leitor se identifique ou não com a narrativa nela contida. Essa feição gera um consentimento fraterno com a obra. E segundo Candido (1972), a analogia acerca do indivíduo vivo (leitor) e o indivíduo fictício (personagem).

De acordo com Cândido, a veracidade é “o sentimento de verdade” (CANDIDO, 1972, p. 55). Sob essa visão do autor, encontra-se uma objeção de entendimento entre o tangível e o fantástico, é essa problemática vem sendo evidenciadas em algumas obras, de grandes autores, desde o século XIV. “Nas obras de uns e outros, a dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres vem refletida, de maneira por vezes trágica, sob a forma de incomunicabilidade nas relações” (CANDIDO, 1972, p. 57). Constata-se, essas alusões em muitos personagens homossexuais.

A “visão fragmentada” estabelecida por Cândido (idem), e o problema que se encontrar no consentimento e aceitação da veracidade. Ela é fundamentalmente a dificuldade do sujeito se situar com o seu semelhante uma concepção do que seja o outro de uma forma absolutista e homogenia, no entanto em oposição disso, acontece uma compreensão fragmentada que se altera a cada relato adquirido. Em suas palavras:

Todavia, há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é iminente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro (CANDIDO, 1972, p. 58).

Portanto, a verossimilhança só poderá ser produtiva com a afinidade do leitor com a obra, e se o sujeito for de incidir com a estrutura dos fragmentos e do contexto unificando-se. Para Santos e Wielewicki, "a história da homotextualidade ainda está em processo de construção e auto definição no campo da legitimidade institucional" (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 348). Por meio da visão dos autores analisa-se o contexto da aceitação social e artística. Tudo que incluir os homossexuais ou a classe LGBT é repellido, talvez seja por não terem uma amplitude de concepção maior de causa.

Denilson Lopes explana, o passado e presente carece de dialogar regulamente para que possa ter um prestígio de origem: "É fundamental estabelecer um movimento de dois sentidos entre o passado e o presente, que eventualmente atualize obras do passado ou torne obras do presente menos isoladas" (LOPES, 2002, p. 125).

Outra vertente que vem possibilitando a perceptibilidade na literária gay, além da investigação pelo assunto, é o aumento de publicações dos mercados de editoras voltadas para esse público alvo, como acentuam Santos e Wielewick: "Apesar de bastante marginalizado, principalmente nas prateleiras das livrarias, o envolvimento político literário de grupos homoeróticos tem chamado a atenção de algumas editoras para a temática da homotextualidade" (SANTOS; WIELEWICK, 2009, p. 348).

Necessita-se, então, voltar um pouco na questão da literatura e o que ela pode adequar. Pode se dizer que, de forma geral, quando uma pessoa abre um livro ela passa a viver fora de uma realidade, ela consegue se afastar daquilo que a cerca. Ela viaja, ela sonha, ela se apaixona. Ela pode ser quem ela quiser, como quiser, quando quiser. São por esses e outros motivos que os homossexuais tendem a se identificar com personagens na obra assim como os heterossexuais se identificam nas histórias de amor convencionais.

Na modernidade, os conhecimentos, os procedimentos e as identificações sexuais são estruturadas pela sexualidade, enquanto um campo discursivo independente, edificado por essa mesma contemporaneidade, que decodifica e constitui os experimentos e as identidades sexuais na medida que compõe a caracteriza o ser na condição do ser sexual.

Diferentemente de sexo, que é um episódio natural, sexualidade é uma constituição cultural. Ela concebe a assimilação do corpo humano e de suas zonas erógenas através de um discurso ideológico.

Aos poucos, gays, lésbicas, travestis, transexuais entre outros deixam de serem lendas urbanas, anomalias sociais ou sujeitos patologizados, para se tornarem sujeitos políticos, que passam a reivindicar equivalência de direitos implicada muitas vezes pela construção de novos direitos sociais e/ ou pela desconstrução de direitos estabelecidos (PRADO; MACHADO, 2008, p. 14).

Nesse contexto, o autor supracitado entende que sexualidade é um campo produtivo para propagação de paradigmas, tabus, preconceitos e mitos. Em função de os estudos nesse campo serem recentes, nossa cultura se organizou e explica os comportamentos sexuais baseando-se em suposições convenientes para determinados grupos. Em geral, a criação de tabus, mitos e preconceitos decorre da necessidade de manutenção do poder de alguém.

Ademais, a manifestação sexual desta prática se configura como ato legítimo da ação humana, observada, até, na antiguidade clássica, na qual homem e mulher eram livres de qualquer discurso opressor. Não obstante, com a chegada da Idade Média e a posterior ideologia cristã, associou-se a esta prática um caráter demoníaco e obras de mesma temática, praticamente, desapareceram. Coube, então, ao Renascimento europeu romper este paradigma e retomar os estudos de investigação de sua natureza, conferindo à literatura um direito, antes, negado e condenado (LEMOS, 2003).

Diante desses tabus sociais alguns autores resolveram denunciar e criticar as bases de uma sociedade mascarada. Com esse pressuposto várias obras foram lançadas com a abordagem da homossexualidade, escandalizando a moral e os bons costumes de uma época marcada pela exclusão e pela homofobia.

Ao citar como exemplo os romances: o Ateneu, de Raul Pompéia, O Cortiço de Aluísio de Azevedo, Bom Crioulo de Adolfo Caminha, entre outros que expressaram em seus enredos uma ferrenha crítica a padrões sociais estabelecidos que eram quebrados por sujeitos corajosos e regressores da moral. Em todos eles aparece relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, algo que era e ainda é condenável socialmente. Em Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, encontra-

se, além de “sodomia”, termos como “uranista”, outro termo do qual se valeu a literatura para referir-se à homossexualidade. De acordo com Mendes:

O narrador chama o negro de uranista, termo “corrente no final do século XIX para definir o homossexual, usado em referência à musa Urânia que, no mito relatado por Platão, no symposium seria inspiradora do amor entre pessoas do mesmo sexo” (MENDES, 2000, p. 163 apud FRYE, 1993, p. 62-64).

Ramos (2009, p. 296) afirma que a “sexualidade, e em particular a que é dissonante do paradigma heteronormativo, continua a ser um universo tido quase como intocável, alvo de recriações tão esporádicas quanto distanciadas, pelo menos no que à edição portuguesa diz respeito”. Ela aponta que:

Transposição literária de um tema com fundas implicações sociológicas, para além dos atávicos constrangimentos morais e religiosos, explicará o relativo silêncio que sobre ele se tem abatido, sintomático de um desconforto mais geral, sobretudo quando se trata de um diálogo axiológico desigual entre adultos e crianças” (RAMOS, 2009, p. 296).

Assim, a Igreja Católica e a maioria das igrejas, globalmente, rejeitam o homossexualismo, uma vez que acredita-se que Deus criou o homem e a mulher e eles formarão um casal, indissolúvel, que darão continuidade à espécie e esse direcionamento religioso e axiológico é muito presente na vida e na crenças das pessoas, tornando a discussão do assunto com um caráter ainda mais polêmico.

2.3 A HOMOSSEXUALIDADE NO PERÍODO CLÁSSICO

A aceitação da homossexualidade modifica-se a par das mudanças sociais. De uma visão mais aberta sobre as relações homoeróticas na Grécia clássica, passa-se a uma progressiva “moralização” que, quase sempre, reveste o desejo de preservar o núcleo familiar heterossexual, fornecedor dos filhos que formarão a mão-de-obra necessária à evolução do grupo.

A literatura registra este fenômeno, mostrando, como afirma Goldmann (1972), que as “visões de mundo” de diferentes autores sobre o tema da homossexualidade estão de acordo com a conjuntura histórica em que foram criados seus textos (GOLDMANN, 1972, p. 63).

O mundo grego antigo com suas mitologias, deuses e modos de fazer política exerceu fascínio e influência em outras sociedades posteriores a ponto de práticas culturais como a pederastia serem adotadas em outros contextos culturais – como Roma o fez –, assim como fortes modelos e concepções artísticas terem sido imitados ao longo de séculos, fosse na própria Roma antiga ou em períodos e movimentos como no Renascimento e no Arcadismo.

Assim, nesses momentos em que se percebe diretamente, com mais veemência, uma conotação grega em manifestações artísticas de várias culturas ocidentais, supervaloriza-se ideais estéticos pensados e mantidos por essa tradição.

Para discutir o amor entre homens na Grécia antiga, Michel Foucault vai buscar no Banquete, de Platão, a maneira pela qual se explica a questão dos papéis “macho/fêmea”. Foucault comenta o discurso de Aristófanes, segundo o qual os amantes buscam a sua “metade perdida”:

Para se ater aos elementos do discurso que concernem ao amor masculino é claro que também Aristófanes tende a responder à questão do consentimento [entre dois amantes]. E (...) sua resposta é totalmente positiva. Ou melhor, ele abala, através de sua narrativa mítica, o princípio tão geralmente aceito de uma dissimetria de idade, de sentimento, de comportamento entre o amante e o amado. Ele estabelece entre eles simetria e igualdade posto que os faz surgir da divisão de um ser único; (...) se ele é, por natureza, uma metade macho, o rapaz amará os homens; terá prazer em “dormir com os machos” e a “ficar entrelaçado com eles” (*sumpeplegmenoi*). E com isso, em vez de revelar uma natureza feminina, ele mostra que nada mais é do que a “têssera” de um ser inteiramente viril (FOUCAULT, 1984, p. 204).

O autor francês realiza uma imersão na história, buscando as primeiras manifestações sobre o tema na literatura grega e latina, na Antiguidade clássica, questionando por que o comportamento sexual, em especial, e os prazeres e atividades relacionados a ele são objeto de uma preocupação moral.

Quanto às relações homossexuais, comparando o modo pelo qual os gregos as consideravam à maneira como são vistas hoje, Foucault reflete que a tendência de hoje é pensar no prazer entre parceiros do mesmo sexo como implicando um desejo de estrutura particular. Se formos “tolerantes”, ressalva o pensador, sustentaremos que essa excepcionalidade não é motivo para uma moral ou legislação diferente da que é comum a todos:

Ora, parece que as coisas foram bem diferentes entre os gregos: eles pensavam que o mesmo desejo se dirigia a tudo o que era desejável — rapaz ou moça — (...) mas também pensavam que esse desejo devia dar lugar a uma conduta particular quando ele se instaurava numa relação entre dois indivíduos do sexo masculino. Os gregos não imaginavam que um homem tivesse necessidade de uma natureza “outra” para amar um homem (...). Nessa espécie de relação os prazeres não traíam, naquele que os experimentavam, uma natureza estranha, mas seu uso exigia uma estilística própria (FOUCAULT, 1984, p. 171-172).

Uma das práticas culturais que ainda tem exercido grande influência no campo artístico das culturas letradas do Ocidente contemporâneo é a recorrência à pederastia, conhecida por amor grego, ‘amor que não ousa falar o nome’ (aforismo wildiano). Embora deslocada em sua ideia base, constituía, por assim dizer, um comportamento ‘tolerado’ e institucionalizado na Grécia antiga, envolvendo a relação afetivo-educacional entre o erastes (homem mais velho) e o erômenos (homem mais jovem). Em alguns casos correspondia, à sua maneira, à noção de homossexualidade com a qual hoje dialogamos (DOVER, 2007; NAPHY, 2006).

A amizade grega, uma expressão usada para fazer referência diretamente às relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, mais propriamente representacional das artes, seja na literatura, na dramaturgia, na escultura, na pintura, na fotografia ou em documentários. No campo literário, segundo Alexandrian (1994), os homossexuais sempre foram representados, mesmo quando essa representação emergia com as tintas do humor e da caricatura.

A estereotipia era a marca central das personagens, reiterando-se, assim, a imagem que foi perpetuada, até meados do século XX, da pessoa homoafetiva ou daquele cujo objeto de desejo erótico endereçava-se para o outro do mesmo sexo: a relação homem mais velho e homem mais jovem torna-se obscena e constrói-se a figura do efeminado, fraco e afetado.

Acreditando ser necessária a abordagem, pelo estudo da literatura, da temática da homoafetividade, tanto no campo da pesquisa como no da prática docente, objetivamos problematizar o foco de muitas narrativas trazerem à tona o tema em questão, de formas sistemática ou constante nos últimos anos, nelas sendo perceptível um ruído nas relações autor, narrador(es) e personagem(ns), quando, da perspectiva da voz que narra, assume-se um ponto de vista que borra as visões clássicas sobre o assunto em pauta, integrando-o a uma nova perspectiva.

Isto se justifica porque há um relativo e direto diálogo entre a pauta da agenda política contemporânea sobre a diversidade sexual (quanto às orientações

homoafetivas e à reivindicação ou negação de subjetividades gays, lésbicas, quer) e a estetização dessas configurações no âmbito narrativo-ficcional, não como uma relação mimética, em seu sentido de imitatio, mas como aproveitamento de temas ou assuntos, polêmicos e atuais a serem projetados na escrita contemporânea.

2.4 HOMOSSEXUALIDADE NO PERÍODO CONTEMPORÂNEO

Antigamente, os casamentos eram arranjados segundo interesses políticos, econômicos e sociais, independentemente, dessa forma, da vontade dos cônjuges envolvidos (PEREIRA, 2012). Já no final do século XVIII, o Romantismo, movimento artístico, político, cultural e filosófico que aflorou na Europa, gerou mudanças de valores e ideais e fez surgir um modelo que ainda hoje é referência nas práticas amorosas. “Seus aspectos mais evidentes eram o sentimentalismo e a valorização da singularidade, a qual deveria se manifestar através do uso da sensibilidade e da capacidade imaginativa” (AMORIM; STENGEL, 2014, p. 181).

Para os autores, esta concepção se refere a uma busca incessante dos prazeres dos relacionamentos a despeito de um enfrentamento dos momentos difíceis. É, na prática, “a transposição da lógica das relações de consumo para as relações amorosas” (VIEIRA & STENGEL, 2010, p. 151), nas quais os outros são tratados como objetos e descartados quando não se há mais ganhos.

Diante disso, os indivíduos, independentemente de suas orientações sexuais, veem-se em um complexo conflito no qual idealismo e individualismo se chocam – isto é, se por um lado há o desejo de ter segurança e estabilidade, concretizados na figura de um relacionamento, no outro existe ânsia por liberdade, segundo a qual as possibilidades de enraizamento são encaradas como opressoras (VIEIRA; STENGEL, 2010).

Numa tentativa de pensar o conceito a partir tanto do mercado quanto da crítica literária, Dias (2013) define a literatura gay contemporânea como um subsistema da literatura que pode ter uma ou mais dessas três características: “conteúdo de temática homoafetiva, ou seja, assuntos e temas referentes ao universo homossexual; conteúdo produzido por autores gays; ou conteúdo que serve para a atuação política de leitores gays” (DIAS, 2013, p. 118).

Definições mais restritas, entretanto, dizem que a literatura gay começa com autores abertamente homossexuais que tratam abertamente de temas do universo

gay (BALDERSTON; QUIROGA, 2005, p. 113). Percebe-se, assim, que a sexualidade dos autores continua a ser um ponto tão importante quanto era nas primeiras listas produzidas ainda no século XVIII.

O melodrama de Nelson Luiz de Carvalho estrutura-se em torno do outing dos protagonistas e do consequente choque entre a sociedade heterossexual e os indivíduos não-heterossexuais. Contudo, as aspirações do casal de protagonistas são de tolerância exclusivamente familiar. Assim, eles aceitam manter-se em silêncio para o resto da sociedade, ao mesmo tempo em que a narrativa valoriza a normalidade dos mesmos através de uma performatividade heterossexual; estabelecendo-se, assim, uma hierarquia em que a masculinidade é valorizada, enquanto a afetação é vista negativamente. É importante observar os seguintes trechos:

Sabe, pai, continuo sendo a mesma pessoa, estudo, tenho boa educação, respeito os mais velhos, não fumo, não uso drogas e não sou promíscuo. Sabe, pai, apesar de sentir o que sinto, eu sou homem. Nunca vou me vestir de mulher. Nunca vou querer usar uma calcinha. Eu gosto de ser homem. É interessante como as pessoas fazem juízo errado de caras como eu. Quando se pensa em alguém assim, logo se imagina que o cara gosta de se vestir de mulher, gosta de „dar“ e gosta de qualquer homem, e isso, pelo menos para mim, não é verdade (CARVALHO, 2000, p. 8).

Os melhores momentos da obra, sem dúvida, referem-se aos casos de homofobia e de violência doméstica sofridas pelos protagonistas. Contudo, apesar de tratar de temas ligados ao universo não-heterossexual, os personagens estão inseridos dentro de um modelo heteronormativo, tanto na performatividade de gênero dos personagens como na construção das relações amorosas; há, assim, uma supervalorização da relação monogâmica e fiel, reproduzindo modelos românticos heterossexuais.

Além disso, a afirmação da normalidade dos personagens e a consequente desvalorização da afetação reafirma e valoriza hierarquias dentro da própria comunidade LGBT, onde indivíduos afetados tornam-se inferiores aos gays masculinizados. Dessa forma, se o conceito de literatura gay é eminentemente político, encontramos na obra de Nelson Luiz de Carvalho, uma política predominantemente assimilacionista e hierarquizante das dissidências sexuais.

João Gilberto Noll possui treze livros publicados, tendo vencido inúmeros prêmios, entre eles cinco Jabutis. Berkeley em Bellagio (2002), que foi finalista do

Prêmio Portugal Telecom, e Lorde (2004), que ganhou o Jabuti de melhor romance, são as obras que escolhemos para pensar o lugar de Noll no mercado e na crítica literária (gay). Além do reconhecimento de público e de crítica, dois outros livros e um conto do autor já foram transpostos para o cinema com a direção dxs cineastas Murilo Salles, Maurice Capovilla e Suzana Amaral.

Formado em Letras, Noll escreveu para jornais sobre literatura, teatro e música e foi também professor universitário; além disso, ganhou inúmeras bolsas para ensinar e escrever no exterior, sendo constantemente convidado como conferencista por universidades dos Estados Unidos e da Europa. Entre as bolsas que recebeu destacamos uma na Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, como professor convidado de Cultura Brasileira, no final da década de noventa (PINHEIRO, 2009, p. 301) e outra como escritor residente, no King's College, em Londres, em 2004 (SANGALETTI, 2013, p. 114).

Como esclarece Marcio Pinheiro da Silva, os convites de instituições estrangeiras que Noll aceitou, seja como docente, seja como escritor, desempenham nesses dois romances que serão analisados aqui duas funções importantes: são o principal mote a partir do qual se desenrolam os enredos, assim como fundamentam o leitmotiv de ambas as obras, qual seja, a sobrevivência material do escritor brasileiro (2009, p. 310).

As duas obras, portanto, ficcionalizam traços autobiográficos do autor, visto que os deslocamentos dos narradores de Berkeley em *Bellagio* e de Lorde dialogam com movimentos que o próprio Noll realizou nos mapas do mercado e dos circuitos intelectuais (MOLINA, 2014, p. 3).

Os dois livros, como sugere Cristian Molina, podem ser entendidos, então, como um "relato de mercado", onde as práticas literárias do narrador podem ser lidas em paralelo às práticas do autor no mercado, assim, podemos vislumbrar, no próprio texto literário, aspectos dessa tensa relação entre literatura e mercado (2014, p. 2).

Evidenciando o hedonismo presente na nova narrativa portuguesa, expressão de um Portugal cosmopolita, plural e multicultural, a primeira década do século viu cair dois tabus ligados ao romance de costumes. O primeiro relacionado com a narrativa sobre a homossexualidade: Eduardo Pitta (*Persona*, 2000; 2ª ed. 2007, e *Cidade Proibida*, 2007), Frederico Lourenço (*Pode um Desejo Imenso*, 2002, *O Curso das Estrelas*, 2002, e *À Beira do Mundo*, 2003) e Henrique Levy

(Praia Lisboa, 2010) fizeram cair o tabu relativo à descrição e narração de cenas homossexuais.

O segundo, a narrativa sobre a heterossexualidade: Manuel da Silva Ramos, evidenciando a primeira "D. Juan" feminina no romance português, uma norueguesa, em *O Sol da Meia Noite* (2007), José Couto Nogueira (*Táxi*, 2001, *Vista da Praia*, 2003, e sobretudo *Pesquisa Sentimental*, 2008), Manuel Dias Duarte (*D. Giovanni em Lisboa*, 2009, romance sobre o ciúme) e Fernando Esteves Pinto (*Conversas Terminais*, 2000, *Sexo entre Notícias*, 2003 e *Privado*, 2008), desocultaram de um modo absoluto o tema da descrição dos atos heterossexuais.

Em ambos os casos, estamos longe do império da pornografia, luxúria de textos e imagens destinadas a exclusivo consumo comercial e, portanto, ao enriquecimento dos seus autores. A estes autores, que ousaram abrir um novo horizonte temático no romance português contemporâneo, junta-se Joaquim Almeida Lima e o seu livro *Ensaio sobre a Angústia*.

Na América do Sul, a ideia de uma literatura gay latino-americana ganha importante impulso com os livros de antologia literária *Nowthevolcano* (1979) e *Mydeepdarkpainislove* (1983), publicados pelo jornal norte-americano *Gay Sunshine Press*; ainda que no Brasil já tivesse duas coleções de contos e poemas com temática homoerótica organizadas por Gasparino Damata: *Histórias do amor maldito* (1967) e *Poemas do amor maldito* (1969).

Segundo o crítico literário Daniel Balderston, as duas coleções norte-americanas, concebidas em São Francisco por um grupo de homens gays, brancos, não latino-americanos, enxergavam a América Latina como "algo mágico e ameaçante, uma terra fantástica, bela e sinistra onde as regras usuais da lógica ficam suspensas e qualquer coisa boa ou ruim pode acontecer" (BALDERSTON; QUIROGA, 2005, p. 93).

Ou seja, tais coleções apresentavam a homossexualidade como uma categoria fixa da identidade e vendiam a ideia de um voluptuoso sexo latino ao leitor branco norte-americano (BALDERSTON; QUIROGA, 2005, p. 117). Eram homens empenhados em criar uma "comunidade imaginada", propagando, para isso, o evangelho da liberação gay a partir de São Francisco para os mais distantes pontos do mundo (BALDERSTON; QUIROGA, 2005, p. 94).

Ainda de acordo com Balderston, as duas antologias foram operações de mercado, que passaram como um trabalho de missão social, que tinham a

preocupação de normalizar a homossexualidade de acordo com os parâmetros norte-americanos tomados como universais, deixando de fora as particularidades latino-americanas, com o objetivo de se criar uma condição gay universal, cujo centro era São Francisco; mantendo, portanto, os países latino-americanos numa condição de subordinação política e literária (BALDERSTON; QUIROGA, 2005, p. 96).

No contexto latino-americano, portanto, o projeto de uma literatura gay fortaleceu-se entre nós como um processo mercadológico de traços ambíguos, já que assumiu uma faceta colonizadora das nossas múltiplas práticas dissidentes de gênero e de sexualidade, ao mesmo tempo em que impulsionou experiências jornalísticas e micropolíticas emancipatórias.

No Brasil, por exemplo, a presença dos editores do Gay Sunshine Press, favoreceu a formação do jornal "gay" *Lampião da Esquina* (1978-1981), além de ter impulsionado o movimento lgbt, que já vinha se organizando há alguns anos por aqui, entretanto, de acordo com Balderston, as duas antologias eram um projeto de traços heteronormativos e de impulsos imperialistas, que não clamava por mudanças radicais na forma de enxergar o outro latino-americano (BALDERSTON; QUIROGA, 2005, p. 119).

Assim, foi a partir dessas ambiguidades político-mercadológicas que o termo literatura gay entrou na academia brasileira, de forma sempre marginalizada e sendo tratada de maneira quase sempre silenciosa, seja pelos preconceitos da maior parte da crítica literária brasileira⁵, seja porque se trata de uma categoria eminentemente política.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. É imprescindível, portanto, antes de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão.

Esse tipo de pesquisa é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, quer dizer, após a escolha de um assunto é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado. A pesquisa bibliográfica, portanto, auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis e na autenticidade da pesquisa (GIL, 2008, p. 32).

Conforme Gil (2008), o trabalho que tratar da pesquisa bibliográfica não poderia deixar de conter explanações e estas devem seguir um fluxo que facilite a compreensão e a aplicação. Por esse motivo, aborda-se primeiramente o conceito, depois as características e outros mais, até se chegar ao exemplo, os anexos e a referência bibliográfica. Tudo uma linguagem acessível visando um entendimento primário sobre como se iniciar a pesquisa desejada.

Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. É exatamente nessa perspectiva que esta pesquisa está inserida.

Portanto, o estudo se reforçou na investigação de dados bibliográficos, sendo, então, caracterizada como uma pesquisa bibliográfica, utilizado no decorrer

do estudo, a pesquisa será realizada de forma descritiva e explicativa. Segundo Gil (2007, p. 43), "uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado".

3.2 METODOLOGIA DA ANÁLISE LITERÁRIA

A análise literária serve para um estudo mais aprofundado de uma determinada obra, na qual se tem como método estuda por partes afim de uma melhor compreensão e ao mesmo tempo poder avalia-la de forma crítica e intelectual. Neste sentido faz-se necessário que o leitor tenha uma visão ampla do conteúdo, pois muitas vezes, uma obra pode ser interpretada de diferentes maneiras.

Quanto à análise, define-se como um processo de conhecimento da realidade que não é exclusivo de ciência alguma, nem mesmo de filosofia alguma, religião alguma ou arte alguma. Sempre que um objeto, um conceito, uma equação matemática, uma ideia, um sentimento, um problema, etc., é decomposto em suas partes fundamentais, está-se praticando a análise. [...] De onde a análise literária consistir em desmontar o texto literário com vistas a conhecê-lo nos ingredientes que o estruturam (MOISÉS, 2000, p. 13).

Sendo assim, de acordo com Moisés (2007), para se praticar uma análise não necessariamente precisa que essa pessoa tenha formação em uma área específica, pois qualquer indivíduo que leia e compreenda a obra tem a capacidade de fazer uma análise literária, devido elas serem normalmente escritas de forma simples e que retratem o cotidiano.

Ao terminar a implementação, reiteramos a certeza de que é possível desenvolver uma metodologia da análise literária e formação do leitor competente capaz de assegurar uma melhor compreensão textual, proporcionando prazer, conhecimento e consciência, sublinhando o caráter político e transformador da tarefa educativa [...] (FARJADO, 2000, p. 01).

Conforme o autor supracitado, a análise literária proporciona ao leitor sensações prazerosas em relação a leitura pois o mesmo consegue compreender e ter consciência do que está lendo, uma vez que a leitura leva o indivíduo a ter

diferentes visões e modificar seu ponto de vista, transformando-se em um ser mais culto com um ponto de vista bem mais amplo a respeito de determinados assuntos.

Por isso, a análise que temos em mira concentra-se no texto como Literatura. Sucede, porém, que o leitor não pode, em momento algum, esquecer que se trata de um texto literário diverso de um conto, de uma novela, de um poema. E diverso não somente na aparência formal, como também em sua estrutura, estrutura essa que lhe advém precisamente de seu caráter teatral, ou seja, de texto consagrado à representação (MOISÉS, 2007, p. 204).

Seguindo esta linha de raciocínio, o autor relata a diferença entre um texto literário e um texto poético ou outros, uma vez que os literários trazem personagens e histórias que geralmente podem si transformar em teatro, pois é rico em dramas, casos amorosos, sofrimento e outras questões que podem ser lidas e compreendidas pelo leitor. Portanto, uma análise literária faz se necessário quando o leitor quer se aprofundar no contexto histórico ideológico e discursivo de determinada obra.

3.3 COLETA DE DADOS

Os dados analisados dessa pesquisa foram feitos de acordo com o interesse da abordagem desta monografia. Assim, buscaram-se em algumas obras literárias tanto da literatura clássica quanto da Literatura contemporânea, aspectos dos personagens homossexuais registrados em diversas obras.

Desse modo, como objetos de análise, várias obras literárias são analisadas nos tópicos a seguir como Banquete de Platão, Código de Hammurabi, Safo de Lebos, na antiguidade clássica, além de poemas, contos e romances contemporâneos como a obra Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, coloca em pauta a homossexualidade presente numa hierarquia militar, a marinha, dentre outros que contemplam a abordagem em questão.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 O REGISTRO DA HOMOSSEXUALIDADE NA LITERATURA

Nesse capítulo são díscurridas análises de obras, poemas e contos literários a qual vem sendo demonstrados personagens homossexuais tanto no período clássico quanto na contemporaneidade. Nessa perspectiva, enfatiza-se que o entendimento da homossexualidade nas obras literárias não é objeto apenas do universo da literatura, mas é feita a partir de uma visão cultural, uma vez que a discussão se dá em torno de determinada ideologia e de diversos comportamentos que se pode evidenciar nos períodos estudados.

Desse modo, observa-se que há uma pluralidade de comportamentos dos personagens homossexuais nos períodos estudados, mas percebe-se também vários modos de agir dentro de determinada época, considerando diversas ideologias que determinam posicionamentos acerca da temática em questão. Ou seja, a percepção e o tratamento da homossexualidade nas obras literárias não são homogêneos, mas se adequam ao perfil de seus autores, uns mais sutis e outros mais evidentes.

Além disso, é possível perceber que a homossexualidade atravessa o tempo e, embora se possa mensurar ser um assunto atual, os registros de personagens homossexuais na literatura sempre foi algo existente. Isso pode ser evidenciado em meio ao contexto das antigas Grécia e Roma que em seus escritos literários já evidenciavam comportamentos voltados ao amor e desejo por pessoas do mesmo sexo.

Conforme fundamentação teórica discorrida anteriormente, é consenso entre os teóricos as influências do meio social e da cultura em obras literárias, ou seja, questões concernentes à homossexualidade são tratadas pela literatura de modo a refletir as particularidades referentes a sexualidade dos sujeitos sociais e empíricos apresentadas em produções literárias.

Assim, a homossexualidade como prática cultural persiste ao tempo e está presente desde os primórdios do mundo nas sociedades antigas, como Grécia e Roma. Essa realidade que se faz presente na literatura da antiguidade clássica e está presente na literatura brasileira, por isso, analisa-se a seguir autores como Machado de Assis, Álvares de Azevedo, Raul Pompéia, entre outros.

4.2.1 A homossexualidade na Literatura Clássica: Banquete de Platão

O Banquete é uma das obras mais conhecidas e influentes de Platão e de toda tradição filosófica e literária. Certamente, também uma das mais complexas e inesgotáveis, a despeito de sua relativa acessibilidade ao leitor não habituado ao universo platônico. Sua importância e prestígio, responsáveis por uma série impressionante de interpretações ao longo da história da cultura ocidental.

Para Jaeger (1989, p. 497), o Banquete não é um diálogo propriamente dito, mas sim, um duelo de palavras, uma narração literária, e no seu intento uma suma perfeição da arte platônica. Nele, Platão cria uma nova forma filosófica, ou seja, a filosofia perpetrando seu primado sobre a poesia – uma vez que o duelo com a poesia é característico da retórica filosófica –, conseguido através de sua conversão a ela (JAEGER, 1989, p. 497).

É possível dividir o Banquete em três partes distintas, quais sejam: na primeira parte do diálogo tem-se a exposição das teorias sobre o Amor que é formada por cinco discursos, na segunda – a mais significativa – o discurso de Sócrates/Diotima e, na terceira e última parte um retrato moral de Sócrates feito por Alcebiades.

O referido diálogo se dá quando Apolodoro, admirador de Sócrates, encontra um amigo que lhe pede informações sobre os discursos feitos em uma reunião em casa de Agatão, a qual estava presente Sócrates, Alcebiades e outros, onde debateram sobre o amor (PLATÃO, 1979, 172b, p. 7).

Apesar de não estar presente à referida reunião, Apolodoro se sente perfeitamente em condições de narrá-la, uma vez que em uma conversa com Aristodemos, admirador e discípulo de Sócrates, o mesmo narrou detalhadamente, pois ali estivera (PLATÃO, 1979, 173, p. 8). Mais tarde ao encontrar-se pessoalmente com Sócrates, o mesmo confirmou o que fora lhe dito anteriormente por Aristodemos. Perguntado por Aristodemos, Sócrates disse que iria a um jantar na casa de Agatão. Bem vestido e de sandálias – coisa que nunca usava – disse-lhe que para ir à casa de um belo rapaz deve-se estar bem vestido (PLATÃO, 1979, 174b, p. 8), convidou-o a ir junto.

No entanto, quando estavam a caminho, Sócrates para e entra como quem está em transe e, como Aristodemo também parara a esperá-lo, disse-lhe que fosse em frente. Aristodemo chega, então, antes de Sócrates. Quando este

finalmente chega, o jantar já ia lá pela metade, e só restara um lugar para sentar-se, que era ao lado de Agatão. Quando se sentou Agatão disse-lhe querer saborear um pouco de sua sabedoria, sentando-se ao seu lado, ao que Sócrates diz: ***“seria bom, Agatão, se de tal natureza fosse a sabedoria que do mais cheio escorresse ao mais vazio, quando um ao outro nos tocássemos, como a água dos copos que pelo fio de lã escorre do mais cheio ao mais vazio”*** (PLATÃO, 1979, 175, p.10).

Pode-se observar uma certa intimidade entre Agatão e Sócrates quando os dois sentam ao lado um do outro. Estavam presentes ao jantar Sócrates, representando a filosofia, Fedro a retórica, Erixímaco a medicina, Aristófanes a comédia, Agatão a tragédia e Pausânias, rico comerciante, ao final aparece embriagado, Alcibiades o político. Após a comida, fizeram libações, entoaram hinos e tudo o que é habitual em uma ocasião como essa. Quando então preparavam-se para beber, Pausânias propôs que se bebesse pouco ou que se deixasse a cada um a liberdade para beber o que quisesse, visto que alguns ainda se encontravam sob os efeitos da bebida do dia anterior, ao que todos concordaram.

Nisso, Fedro propõe que se debata sobre o Amor, que segundo ele, é incompreensível que se tenha tecido tantas honrarias aos outros deuses e se tenha deixado Eros de lado, para ele um deus tão venerado e tão grande (PLATÃO, 1979, 177b, p. 11). É então que, depois de aceita a temática, estabelece-se a ordem dos diálogos que devem seguir-se da direita para a esquerda, tecendo louvores em forma de discursos a Eros. É assim que se dá início aos discursos sobre o Amor, começando por Fedro, autor da proposta, e aceito por todos.

A conclusão do discurso de Fedro põe em evidência a primazia ***do amante em relação ao amado***, pois o que mais os deuses admiram é a força que nasce do Amor quando é o que ama que se sacrifica pelo amado, porque o que ama é, de certa maneira, mais divino que o objeto amado, pois possui em si divindade, é possuído por um deus. Foi por isso que recompensaram Aquiles mais do que a Alceste, e é por isso que o Amor é, dos deuses, o mais antigo, o mais honrado e o mais poderoso, sendo capaz de fazer do homem um ser virtuoso e feliz, tanto na vida como no pós-vida.

O Amor é então, o deus que aproxima e une amado e amante, ***“é o que faz com que o amado descubra o amante e, assim, dessa maneira, se lhe ofereça toda a sua beleza e virtude e, dessa forma, o amado o veja e vá em sua***

direção". (idem). Dessa maneira, neste ir e vir dos amantes, nessa inversão de papéis, consolida-se a relação entre eles, pois se cada um é amante e amado ao mesmo tempo, ambos são possuídos por Eros, ou seja, são divinos.

Segundo Custódio de Almeida (2002, p. 72), apesar de ter falado do caráter divino e originário do Amor, Fedro não foi capaz de ver além da manifestação dos dons divinos de Eros, que só mais tarde Sócrates, em seu discurso, tornará clara. Após o término do discurso, houve outros dos quais Aristodemo não se lembrava bem. Deixando-os de lado, passou a relatar o próximo.

4.2.2 A homossexualidade na Literatura Clássica: Código de Hammurabi e Safo de Lesbos

O primeiro registro de obra lésbica e o Código de Hammurabi, datado de 1770 a.C e, segundo Bouzon (1992), é o mais antigo e conhecido corpo legal. Criado por Hammurabi foi baseado em antigas leis semitas e sumerianas. Neste documento existe a figura de SALZIKRUM, que caracteriza uma "mulher-homem", que segundo a história, podia ter uma ou mais esposas.

Segundo a poeta, historiadora e pesquisadora da cultura homossexual, Judy Grahn (apud GODOY, 1997), o primeiro texto poético foi criado por uma mulher chamada Enheduanna. Ela, que era filha do rei Sargón I de Acádia, compunha, em 2.300 a.C, para Inanna, considerada a deusa do amor. Enheduanna exaltava a beleza de sua deusa e se referia a ela como esposa.

Segundo Mott (2003), em algumas comunidades antigas, como da Albânia, foram aceitas relações lésbicas no passado. Tomemos como exemplo as zonas montanhosas de Cabira, onde existiu uma sociedade aborígine composta apenas de mulheres, chamada de SBRAIE. Na China, essa relação homossexual também foi encontrada. Segundo historiadores, havia mulheres que Inter gesticulavam como marido e mulher, uma relação chamada de DIUSHI.

Em Roma, havia os chamados banhos públicos para mulheres, que era uma simples forma de as mulheres satisfazerem seus desejos sexuais femininos. Até mesmo as mulheres casadas com homens não deixavam de ir aos banhos pois era lá que se realizavam alguns desejos lésbicos incumbidos (RICHARDS, 2003).

Segundo o autor Richards (1993), na Grécia antiga as relações homossexuais supriam a necessidade de relações pessoais de uma intensidade

não encontrada no casamento. As mulheres, por terem sido consideradas como inferiores intelectualmente, fisicamente e emocionalmente em relação aos homens, eram excluídas das reuniões e encontros masculinos, obrigando-as a formarem entre si, um grupo para tratar dos mais variados assuntos. Desta forma, eram compartilhadas, umas com as outras, experiências sexuais, onde fazia permanecer entre elas o desejo pelo mesmo sexo.

A poesia lírica que era feita na Grécia antiga consistia em duas práticas literárias bastante específicas, a saber: a lírico coral lírica monódica, da qual faz parte, dentre outros poetas, a escritora Safo de Lesbos.

A lírica monódica é definida por Schüller (1985, p. 35) como aquela em que “o poeta exprime seus próprios sentimentos”; paralelamente à lírica monódica, tem-se a lírico coral, na qual “os poemas compostos para um coro vinculam-se ao júbilo dos dias festivos” (SCHÜLER, 1985, p. 35). Com efeito, os poemas líricos eram feitos para serem lidos para uma plateia. No caso de Safo de Lesbos, este fato aparece confirmado no fragmento CLX, quando ela diz “ta/de nu=n e) tai/raij tai=j e)/maij [...] te/rpna [...] ka/lwj a)ei/sw Eu cantarei agora essas canções em bela maneira para deleitar minhas companheiras).

Esta leitura era acompanhada de música, em geral executada em instrumentos de corda (em geral uma lira, daí o nome de lírica, poema declamado ao som de uma lira). Havia, também, por outro lado, toda uma performance por parte do recitador (ACHCAR, 1994, p. 34), a qual ajudava no processo de identificação do ouvinte com o texto lido.

A lírica antiga, quando de seu surgimento na Grécia, proporcionou um espírito novo no sentido de que trouxe novas maneiras de se praticar a arte literária; utilizando de expedientes ainda inéditos para a consciência de então, a lírica estabeleceu uma inovação no sentido de estabelecer uma nova perspectiva sobre a expressividade humana, passando a preferir, primordialmente, a exposição da vida interior, abordando a seja através de opinião sobre um fato ou através do relato da impressão deixada por uma pessoa, evocados no poema sob a forma de uma lembrança.

O fragmento XVI é talvez um dos poemas mais conhecidos de Safo. Nele, vemos uma consideração da escritora acerca do ato de amar. Para deixar claro seu pensamento, Safo se vale do mito de Helena.

É uma batalhão de infantes – ou de cavaleiros – dizem outros que é uma frota de negras naus a mais linda coisa sobre a terra. – para mim é quem tu amas./ E como é fácil fazer clara essa verdade para o mundo/ pois aquela que triunfou sobre o humano em beleza, heleno, seu marido, o mais nobre dos homens/ abandonado, para Tróia navegou. Para a filha, para os pais queridos, nem um só pensamento voltando/. (...) agora esta lembrança de Anactória daqui tão distante/ aquele modo de andar que acorda os desejos/ e cambiantes brilhos, mais eu queria ver, no seu rosto/ que soldados com panóplias e carros lídios (FONTES, 2003, p. 385).

Há uma expressão grega muito usada quando se deseja fazer uma comparação: essa expressão é *me\n... de*, que significa “enquanto que...” ou “de um lado... de outro...”.(O texto grego aqui utilizado é o estabelecido por David Campbell. As traduções aqui utilizadas como referência é a de Brasil Fontes) É com essa expressão que Safo abre o poema, tecendo uma comparação sobre o que existe de mais belo.

Nesta comparação, a escritora visivelmente tece sua opinião sobre o que considera de mais belo. Deixa claro, logo ao início que seu conceito de beleza nada tem a ver com os conceitos de outras pessoas, visto que cita há outras pessoas que consideram demonstrações de força militar – em suas mais variadas formas e acepções – que há de mais belo sobre a terra. Entretanto, para Safo, o que há de mais belo é o indivíduo a quem se ama.

Safo, aqui, se utiliza do mito homérico, colocando sobre ele perspectivas diferentes. O fato (fuga de Helena) funciona, no contexto do poema, como um material espécie, sendo utilizado como o “repertório poético” que fornece insumos para que cada autor jogue nele a sua visão. O que se pode concluir desta prática é que:

Na lírica predominam os tópoi e na épica as fórmulas e se trata de materiais diferentes. Estas são sintagmas, unidades frasais que se repetem, aqueles são unidades semânticas para as quais cada poeta constrói a seu modo a forma da expressão. Mas, ainda que reflitam, em sua diversidade, modos e talvez momentos diferentes de existência da poesia, esses processos de composição conheciam um mesmo princípio: o recurso sistemático a formas de expressão ou de conteúdo estocadas pela tradição oral. Na poesia do mundo da escrita, apesar das enormes transformações ocorridas na produção e no consumo poético, esses processos tiveram continuidade (ACHCAR, 1994, p. 54).

A escolha de trabalhar sobre bases já estabelecidas tais como os mitos homéricos é sintomática no sentido de que atesta a relevância de Homero na

cultura de Lesbos. Por mais escrita e menos oral que a poesia possa ter se tornado após Homero, os elementos homéricos.

A retomada de mitos homéricos na prática poética de Safo de Lesbos se justifica pelo objetivo de mencionar um exemplo de conduta justa (a coragem de Helena em abandonar família e riqueza para ir em busca do seu amor). Safo esboça uma concepção de vida gerada, a partir da "...), angústia que representa a falta de Anactória, a necessidade urgente da sua presença física, o desejo de rever seus gestos, seu andar, seu rosto" (STARZYNSKI, 1968, p. 81).

A presença do ente lembrado em meio em meio ao universo da lembrança constitui a situação propícia para a construção do universo do indivíduo. Este universo no poema em questão se revela através da angústia pela ausência de Anactória, o que propicia a evocação do ente querido de uma forma tão intensa que o fato literário o poema acaba em seu contexto, como que "trazendo" Anactória de volta ao ambiente de Safo.

Nesse contexto, observa-se que a homossexualidade no Código de Hammurabi, que foi escrito a partir de inspirações divinas, retrata uma mulher cuja característica se tem o estereótipo de "mulher- homem", que poderia casar-se com uma ou mais esposas. O estereótipo evidenciado nessa época é o de que uma mulher que se relaciona com uma pessoa também do sexo feminino é considerada um ser masculinizado e cujo termo "machuda" utilizado de forma pejorativa advém da ideia de que, só se pode relacionar-se com uma mulher quem tem características masculinas.

Por outro lado, Safo de Lesbos, foi considerada a maior poetisa da história clássica a enaltecer a relação homossexual entre mulheres. Sua importância na literatura clássica foi tanta, que graças a influência de seus poemas que decantam o seu amor e admiração pelas pelo sexo feminino, todas as mulheres homossexuais são consideradas lésbicas por conta de seu nome Safo de Lesbos. A mulher não era considerada masculinizada por amar outra mulher. Lésbica, segundo Safo, são todas as mulheres que sentem amor e prazer por igualmente femininas e, não necessariamente, precisariam ser masculinos.

4.2.3 O homossexualidade na Contemporaneidade: O cortiço

O Cortiço, de Aluísio Azevedo aborda a homossexualidade a partir de personagens emblemáticas tais como Albino e Léonie. Em torno destes, o autor tece uma rede de relações sociais em que se misturam delicadezas e promiscuidade, numa associação das práticas sexuais e homoafetivas com “o sujo”.

Albino é construído como alguém triste, mal sucedido, passível de pena. Afeminado, assemelha-se às mulheres do cortiço – por exercer a profissão de lavadeiro – e é solícito para com suas amigas, especialmente a Rita Baiana (AZEVEDO, 2007, p. 25). Vitimado pelas críticas e pelos deboches, põe-se a chorar, chegando a sofrer uma síncope ao ver o cadáver de uma criança. Sua delicadeza estende-se à sua casa, que é delicadamente decorada.

Para Albino, Azevedo dar-lhe roupas brancas, um branco que inspira limpeza, pureza. Este personagem não exerce a sua sexualidade, dando-se apenas às suas amigas e às tarefas diárias, o que lhe conferi uma aceitação por parte de seus convíveres. Em todo o texto, uma única vez o autor dar pistas das práticas sexuais de Albino, quando diz que “a cama de Albino estava sempre coberta de formigas” (AZEVEDO, 2007, p. 132). Em contraste com a limpeza e arrumação do resto de sua casa. Seria a prática da masturbação que traria as formigas para a sua cama. Portanto, sua prática sexual perturbaria a ordem asséptica do ambiente.

Léonie representa outra face do homoerotismo 'O Cortiço. Léonie estabelece relações homoafetivas com Pombinha. Esta, por seu turno, é o retrato da moça inocente, símbolo de pureza e delicadeza, que vai encontrar, no contato com Léonie, um “desvirtuamento”. A filha de Dona Isabel “era a flor do cortiço. (...) Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; Loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família” (Idem, p. 66).

Entretanto, o contato sexual com Léonie faz com que Pombinha “abra os olhos” para o mundo, especialmente o mundo dos homens, tirando desta a sua aura de santa. “[Léonie] Arrancou-lhe até a última vestimenta e precipitou-se contra ela, a beijar-lhe todo o corpo, a empolgar-lhe os lábios, o róseo do peito (...), deixando ver preciosidades de nudez fresca e virginal” (AZEVEDO, 2007, p. 85).

A cocote fez despertar os sinais físico biológicos da puberdade em Pombinha, em razão do contato sexual e funcionou como a porta de acesso para a vida promíscua. Quando diz que “a serpente venceu afinal” (Idem, p. 146), Azevedo remete-se ao símbolo ocidental do pecado, daquilo que leva as pessoas a se desviarem do caminho do “bem”. A serpente, que nada mais é do que a própria Léonie e tudo o que ela representa, é evocada como causadora dos males à “pobre” Pombinha.

Dessa maneira, as práticas homoafetivas associam-se à promiscuidade e ao cortiço, aquele lugar onde imperava a sujeira. A presença solícita da cocote, prostituta e lésbica, no cortiço seria outra face das patologias que aquele lugar materializava, sendo o estereótipo da homossexualidade como algo construído de forma pejorativa.

4.2.4 O homossexualidade na Contemporaneidade: Obras Machadianas

Entre os contos publicados por Machado de Assis, observa-se na obra *Relíquias da Casa Velha*, que esta é uma narrativa homoerótica. A história de Pílates e Orestes explora a relação de dois homens amigos desde a universidade que possuem uma estranha dependência entre si. Quintanilha é um herdeiro rico com uma obsessão não especificada pelo jovem advogado Gonçalves.

O personagem Quintanilha é desenhado como detentor de um carinho desproporcional a outro homem, um sentimento que em nenhum momento tem explicitado a sua origem. Já Gonçalves é contido no relacionamento com seu amigo, o que é reproduzido através de uma narrativa que nada traz do íntimo do jovem advogado e que deixa o leitor em dúvida quanto as suas intenções. Conforme aponta Silva (2006, p. 3), o narrador “se concentra exclusivamente nas ‘cautelas e pensamentos’ de Quintanilha, que acaba exagerando nos ‘carinhos’ para com o outro – a ponto de levantar suspeitas de homossexualidade”.

De fato, em dada passagem do conto, este narrador revela sobre o relacionamento dos dois amigos: ***“A união dos dois era tal que uma senhora chamavam-lhes os ‘casadinhos de fresco’ [...]”*** (ASSIS, 1994).

Gonçalves parece temer os boatos a respeito de sua amizade. Sem uma estabilidade financeira e dependendo em parte da opinião pública para o seu sucesso profissional, ele tem muito a perder com a difamação que corre entre o

povo. Tal temor pode ser observado no comentário que o personagem faz a Quintanilha quando este conta a indignação de um parente seu com a sua preferência a Gonçalves: "Uma só coisa desejo [diz Gonçalves], é que nos separemos, para que não se diga..." (ASSIS, 1994).

Outra obra de Machado de Assis a ser analisada para contemplar as perspectivas dessa pesquisa, é *Dom Casmurro*, que se tornou conhecida a partir de uma análise que gira em torno do elemento traição, na qual tenta-se discutir se Bentinho foi traído ou não por Capitu. No entanto, nessa pesquisa, esse clássico literário será analisado numa perspectiva diferente da traição, em que se consideram algumas atitudes e pensamentos numa visão homossexual.

Em nenhum momento chegou-se que a cogitar que os personagens Bentinho e Escobar tenham efetivamente mantido um relacionamento amoroso, mas é possível inferir em diversas passagens do texto que bentinho tinha uma verdadeira obsessão por Escobar, uma vez que ele o via em tudo. Mas Se houve qualquer envolvimento emocional mais profundo, este parece ter sido de natureza puramente platônica. Ir além disso, seria extrapolar as informações contidas no texto.

Porém, não parece arbitrário questionar a motivação por trás de tantas recorrências, reiteraões, sugestões e insinuações, principalmente em se tratando de uma obra repleta de armadilhas e mal-entendidos minuciosamente introduzidos pelo autor, como é o caso de *Dom Casmurro*.

Uma das abordagens mais discutidas nas últimas décadas tem sido justamente a tentativa de caracterizar Bento Santiago como um narrador não confiável e, por isso, força-se uma leitura a contrapelo da versão apresentada por ele dos fatos, uma vez que ele só relata aquilo que lhe convém.

"Fiquei tão entusiasmado com a facilidade mental do meu amigo, que não pude deixar de abraçá-lo. Era no pátio; outros seminaristas notaram a nossa efusão; um padre que estava com eles não gostou. — A modéstia, disse-nos, não consente esses gestos excessivos; podem estimar-se com moderação".

O abraço de Bentinho e de Escobar quando ainda eram colegas de Seminário, evidencia a forma sedutora e sem moderação com que esse os dois se cumprimentaram. A intensidade com que o abraço é descrito pelo narrador, vai muito além de um cumprimento de dois amigos, até porque outros seminaristas

começam a comentar e orientam que os dois seminaristas se cumprimentem com moderação.

Observa-se, ainda, que o fato de os outros amigos de abraçarem euforicamente não é unicamente o que chama a atenção, mas se entende também que ser "gay" não é, necessariamente, aquele que deseja uma pessoa do mesmo sexo, mas aquele que tem um estilo de vida gay, seja referente a gostos ou a maneiras de se vestir e de falar; "gay" é uma forma de ver e viver a vida.

Associar o desejo homoerótico exclusivamente a essa identidade é limitá-lo a um produto da cultura; assim, teríamos de admitir que o desejo é puramente cultural, de forma alguma, natural. Ou seja, Bentinho e Escobar são alegres, antenados e encaram a vida de forma colorida e alegre, embora em nenhum momento admite-se por parte dos personagens que os desejos homossexuais o dominam.

"Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos... depois que ele saiu, e mantenho esta palavra, apesar dos quarenta anos que traz em cima de si. Nisto não houve exageração do agrado. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouso baixa, vindo à risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda- mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas. Realmente, era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado".

Mesmo passados quarenta anos e depois das suspeitas de traição envolvendo o amigo, o narrador reafirma a graça dos olhos de Escobar e destaca o interesse que seu rosto podia suscitar. Ele é certamente bonito aos olhos de Bentinho, que fica exultante perceptivelmente eufórico quando descreve os traços do amigo de forma tão minuciosa.

Qualquer pessoa que observa de forma tão delicada e poética os traços de alguém, evidencia muito mais do que uma admiração típica de amigos. Conforme as abordagens de cunho psicológico o desejo é um sentimento individual e natural, portanto, pode ser ocultado, mas não pode ser transformado ou suprimido; o que faz com que a pessoa que deseja e idolatra alguém, evidencie esse sentimento de alguma maneira, embora este empreenda uma luta constante de contenção, de repressão, do desejo.

Surgem daí as normas, regras que ditam “o que pode” e “o que não pode”, o “certo” e o “errado”. Assim, percebe-se que Bentinho faz muito mais do que uma descrição do amigo, mas revela por meio de palavras o que está no seu inconsciente.

As analogias homossexuais consistir em carregadas muitas vezes pelo estigma de algo que não dará certo, ou como algo promiscuo, apenas para satisfação das necessidades biológicas e fantasias sexuais.

4.2.5 O homossexualidade na Contemporaneidade: Registros poéticos

Barcelos (2006, p.63) defende que “a abordagem dos textos literários que, de algum modo, se reportam ao homoerotismo pode e deve abrir-se a uma visão abrangente da realidade histórico-social e cultural na qual esse homoerotismo é ou foi colocado em discurso, na medida mesma em que é ou foi vivido”.

Os textos que tratam dessa temática homoerótica devem ser analisados pela crítica com algo natural, retratando a realidade da sociedade da época em que foi escrito, pois como sabemos desde os tempos mais remotos sempre existiram indícios de relação entre pessoas do mesmo sexo.

O poema em análise trata de um erotismo que critica a religião católica ao mencionar alguns santos e fazer referência aos atos sexuais. A poesia a seguir também foi escrita da década de 1970 e tem como título “Obsceno”.

**Atrás da janela
Vejo passar os homens que nunca serão meus
todas as tardes
Cuidadosamente escondido entre as cortinas
Vejo passar e passar os homens da cidade
com camisas abertas sobre os pelos suados
onde vez em quando se embaraçam medalhinhas
de São Cristóvão ou Santa Teresinha
amém
virgem, vadia, cadela, puta velha cansada
dessas que já provaram todos os prazeres
por todas as bocas, por todas as camas[...].
10 de junho de 1979. (ABREU, 2012, p.74)**

Nessa poesia, ocorre explicitamente a relação homoerótica gay entre dois homens através do desejo. O eu-lírico ao olhar os homens passando com a camisa aberta, desperta seu desejo para com eles: “vejo passar os homens que nunca

serão meus [...] escondido entre as cortinas[...] com camisas abertas e pelos suados”. Além disso, percebe-se a crítica destrutiva à igreja católica ao relacionar Santa Teresinha como “virgem vadia, cadela, puta velha cansada, dessas que já provaram todos os prazeres de todas as bocas, por todas as camas[...]”.

O sexo é colocado aqui como algo proibido, apenas um desejo ocultado na primeira, e na segunda colocado em questão referenciando uma divindade cristã. Nesse contexto, Foucault destaca: “seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado – e, ainda, seria preciso ver de que maneira se fez essa associação e evitar dizer de forma global e precipitada que o sexo era ‘condenado’[...]” (FOUCAULT, 1988, p.12).

É possível refletir essa questão por meio da afirmação de que a igreja católica e diversas religiões sempre proibiram o sexo antes do casamento, e pregam em seus rituais que quem pratica o pecado da carne, não conseguirá a salvação. Isso faz com que as pessoas menos instruídas ou influenciáveis se tornem discípulas desse tipo de dogma. A poesia que analisada a seguir, ainda escrita na década de 1970, não possui título, apenas a numeração 29.

***[...] vou pedir mais um copo, acender a última baga,
Cheirar a derradeira e berrar frenético
Que não tem conta as punhetas que bati por você
Que não tem conta as cartas de amor que não mandei
[...]Je essas coisas tontas que a gente faz
Quando anda cego de amor ou de tesão,
Nunca se sabe
[...]quando te pegar de jeito no meio da praça
No canto do bar na cama do apartamento
[...]Depois, darei um suspiro de alívio
E nunca mais te olharei na cara.
21 de junho de 1979. (ABREU, 2012, p.77).***

Na estrofe inicial, nota-se a existência da droga ilícita ao acontecer o encontro entre os dois, supostamente dois homens. Esse poema se parece muito com a escrita de uma carta, na qual ele quer declarar publicamente seu amor ao outro em um bar. Apenas ele quer ter um momento sexual com o outro e depois disso nunca mais olhar na cara. Não quer saber mais do outro, apenas usá-lo.

Durante muito tempo, não obstante a época de produção dos poemas do autor Caio Fernando Abreu, falar em sexo e prazeres carnavais, fantasias sexuais eram algo não visto com bons olhos e Foucault nos apresenta isso como fruto de

um discurso de poder repassado de geração a geração, reproduzido e engavetando os desejos das pessoas.

Como se observa, o ser humano é moldado conforme sua cultura, suas crenças e desejos, apesar de muitos deles serem coibidos, na realidade, observa-se em determinados poemas a ruptura daquilo que se condena em busca daquilo que se deseja e que se pratica considerando apenas realização pessoal.

ALCOOLICAS

*Entre corpos, entre laços: Minha flor e
Declaração
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.
Como-a no livor da língua
Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me
No estreito-pouco
Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha
vida
Tua unha plúmbea, meu casaco rosso
E perambulamos de coturno pela rua
Rubras, góticas, altas de corpo e copos.
A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
(Hilda Hilst, Alcoólicas)*

O sujeito poético do poema Alcoólicas revela sua “experiência lésbica” com a vida, “Deita-te comigo. Apreende a experiência lésbica:/O êxtase de te deitares contigo. /Beba./Estilhaça a tua própria medida”. Os versos em destaque sinalizam a relação “apreendida” que a vida tem consigo própria, dentro de uma subjetividade expressa no poema e recorrente ao desencanto, à morte e aos amores líquidos, como a vida que por ser líquida, se esvai.

A metáfora da liquidez no poema de Hilst (associada à própria ideia da embriaguez que atravessa, também, o poema) pode ser compreendida dentro das concepções pós-modernas discutidas pelo sociólogo Zigmunt Bauman, tanto das identidades fluídas quanto dos relacionamentos fugazes. Não há mais solidez e sim liquidez, já que a própria vida é líquida.

No poema em referência, é visível a contradição de um corpo que se percebe faminto como os corvos, dentro de uma vida paradoxalmente: líquida e dura. E, talvez, por essa inconstância que o corpo, dentro das esferas que constituem a vida: a social, política, histórica e sexual, engendra posicionamentos e relações dentro daquilo que Michel Foucault irá denominar dispositivo histórico. Conforme Guacira Lopes Louro em Pedagogias da sexualidade (2000), as identidades de gênero e sexuais são “(...) compostas e definidas por relações

sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade" (LOURO, 2000, p.06).

O poema Alcoólicas ilustrou aqui, o que Guacira Lopes Louro, a partir de Jeffrey Weeks, assinala em seu texto: "Num mundo de fluxo aparentemente constante, onde os pontos fixos estão se movendo ou se dissolvendo, seguramos o que nos parece demais tangível, a verdade de nossas necessidades e desejos corporais" (LOURO apud WEEKS, 2000, p.08).

4.2.6 O homossexualidade na Contemporaneidade: Registros em diversos contos e romances

O Ateneu, De Raul Pompéia, constitui-se como um romance de memórias do protagonista Sérgio. Esse dado é importante, uma vez que o foco narrativo narrador-protagonista implica um tom confessional, ao mesmo tempo em que limita a narrativa às impressões do protagonista. Levando em consideração tais características, pode-se afirmar que a representação da homossexualidade, no romance, é modulada pela perspectiva de tal foco narrativo.

"Se não houvesse olvidado as práticas, como a assistência pessoal do Rabelo, eu notaria talvez que pouco a pouco me ia invadindo, como ele observara, a efeminação mórbida das escolas. [...]. A letargia moral pesava-me no declive. E, como se a alma das crianças, à maneira do físico, esperasse realmente pelos dias para caracterizar em definitivo a conformação sexual do indivíduo, sentia-me possuído de certa necessidade preguiçosa de amparo, volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino" (POMPÉIA, 2004, p. 39).

De acordo com Valentin 2013, a ideia de efeminação, nesse fragmento, não indica, necessariamente, a homossexualidade. Entretanto, é de se observar que a base a partir da qual esta ideia de efeminação é construída repousa sobre os valores do patriarcalismo e do machismo, remetendo no caso dos meninos e adolescentes do sexo masculino a um ideal que identifica força física e agressividade com masculinidade.

Note-se que o comportamento efeminado e, por extensão, a possível homossexualidade, eram vistos como algo doentio, conforme se percebe na própria escolha vocabular, como, por exemplo, no uso do adjetivo mórbida. O trecho volúpia de fraqueza em rigor imprópria do caráter masculino resume a perspectiva

do narrador-protagonista sobre a homossexualidade e a efeminação, que eram tidas como comportamentos desviantes e inadequados. Conformado com o seu desvio (no caso, a efeminação), Sérgio tem o seu primeiro protetor e, conseqüentemente, seu primeiro relacionamento, com o personagem Sanches.

Num primeiro momento, Sérgio possuía uma repugnância de gosma (POMPÉIA, 2004, p. 44) por Sanches. Ele o descrevia como alguém supinamente antipático: cara extensa, olhos rasos, mortos, de um pardo transparente, lábios úmidos, porejando baba, meiguice viscosa de crápula antigo (POMPÉIA, 2004, p. 28). No entanto, depois de ele ter sido salvo por Sanches na piscina do colégio; acidente que, posteriormente, o narrador-protagonista pensa ter sido causado pelo próprio colega para aproximar-se dele Sérgio passa a reconhecê-lo e a permitir sua aproximação.

A franqueza da convivência aumentou dia a dia, em progresso imperceptível. Tomávamos lugar no mesmo banco. Sanches foi-se aproximando. Encostava-se, depois, muito a mim. Fechava o livro dele e lia no meu, bafejando-me o rosto com uma respiração de cansaço. Para explicar alguma coisa, distanciava-se um pouco; tomava-me, então, os dedos e amassava-me até doer a mão, como se fosse argila, cravando-me olhares de raiva injustificada. Vavia novamente às expansões de afeto e a leitura prosseguia, passando-me ele o braço ao pescoço como um furioso amigo" (POMPÉIA, 2004, p. 44).

Sanches é quem seduz. Curiosamente, tende dado o contexto da época (e aquele vigente no colégio) a não ser visto como efeminado ao menos não imediatamente. Depois, sua atividade sedutora passa a signo de homossexualidade, pois revela desejo por indivíduos do mesmo sexo.

Diante da conduta de Sanches, Sérgio afirmava o seu comportamento passivo: ***"Eu deixava tudo, fingindo-me insensível, com um plano de rompimento em ideia; embargado, todavia, pela falta de coragem"*** (POMPÉIA, 2004, p. 44).

Bom-Crioulo de Adolfo Caminha foi a primeira grande obra literária sobre homossexualidade a ser publicada no Brasil, aparecendo em 1895 (CAMINHA, 1895a). Foi também uma das primeiras a ter um puro negro como seu herói. O romance causou um escândalo naquela época e continua a intrigar seus leitores ainda hoje, com seus surpreendentes e modernos pontos de vista sobre raça, nacionalidade, gênero e sexualidade. Aparentemente esquecido na primeira parte do século vinte, o livro é agora republicado em sucessivas edições brasileiras e

traduzido para o inglês, espanhol, alemão e francês, atingindo um público internacional (CAMINHA, 1982, 1987, 1994, 1996).

Bom-Crioulo é uma obra curiosamente ambígua que tem inspirado muitas interpretações. Alguns críticos têm encarado o romance como um ataque ao castigo pela chibata na Marinha (MENEZES, 1978, p.150), outros como uma retomada dos temas literários clássicos tais como Otelo e a relação entre o cavaleiro e seu escudeiro (BARBOSA, 1982, p. 10; MARSAN, 1996, III; WHITE, 1982, p. 1893-1894) ou como um símbolo da República Brasileira (BUENO, 1994). Lúcia Miguel-Pereira (1973, p. 173) chama o romance de "o ponto alto do naturalismo", enquanto Wilson.

Martins (1979, p. 4) rotula Caminha como "o naturalista envergonhado". David Brookshaw (1986, p. 39) diz que Caminha atribui a homossexualidade de Bom-Crioulo à devassidão e imoralidade da vida escrava, resultando na incontrolável e destrutiva paixão e sexualidade. David Haberly (1983, p. 124-125) vê o romance como uma obra de "desespero total" e refere-se "à visão intensivamente pessimista de Caminha" do Brasil "preso entre a degeneração da sua população não branca e os encantos murchos e estéreis" da Europa e de seus imigrantes.

Duas iguais, de Cíntia Moscovich, foi publicado em 2004, praticamente isolada no cenário temático brasileiro. A narrativa, em primeira pessoa, conta a história de Clara e Ana, duas adolescentes que descobrem os prazeres do sexo e os encantos do amor em plena ditadura militar. O silêncio e o medo que rondam esse momento social e cultural intensificam-se na vida das meninas que, ao descobrirem suas predileções sexuais, precisam enfrentar o inquisidor olhar do pai de Clara e o destruidor olhar dos colegas da escola.

A obra, narrada por Clara, passa dos momentos da adolescência ao distanciamento das personagens na vida adulta, culminando no casamento heterossexual da narradora. O reencontro, já maduras, restabelece o amor adormecido entre ambas. Clara, a despeito de ser casada e possivelmente feliz com um homem, percebe que calar o amor que sentia – e ainda sente – por Ana, possivelmente tenha sido sua pior decisão.

A doença de Ana as aproxima através de uma angustiada experiência de arrependimentos, faltas e ausências. Não há como recuperar o tempo perdido, e a iminência da morte de Ana atesta para Clara que **"o amor deve ecoar em bocas**

de prece, deve ser a nota mais alta, aquela que estilhaça o cristal e que entorna todos os líquidos” (Moscovich, 2004, p. 252).

Moscovich as descreve como iguais, tanto no título do livro quanto na voz da personagem narradora Clara: “Existiu, me pergunto, algum momento em que fomos perfeitamente iguais? ” (MOSCOVICH, 2004, p. 16). A pergunta é feita nas primeiras páginas do livro e vai sendo respondida ao longo da história: ***“Me olhou, apoiada nas palmas das mãos, e pediu que eu me dessa conta de que, naquela hora, éramos duas mulheres se amando e que nunca duas pessoas poderiam ser tão iguais”*** (MOSCOVICH, 2004, p. 40).

E ainda: “Até que um dia no pátio da escola, escutamos em alto e bom som: Qual de vocês é o homem? [...] aproximei-me da menina: como assim, o que ela queria dizer com aquilo? Nenhuma de nós era homem, nenhuma de nós. Ela estava escutando direito? Nenhuma de nós” (MOSCOVICH, 2004, p. 45).

Clara e Ana não são apenas duas mulheres iguais que se apaixonam e renegam qualquer tipo de rótulo ou redução, são também duas personas iguais e identificáveis por qualquer leitor da obra, seja ele homem, mulher, homossexual, heterossexual, bissexual, transexual etc.

A identificação é plural porque é plural a caracterização das duas, assim como a temática que ora prevalece: “Eu queria contar uma história de amor” (MOSCOVICH, 2004, p. 10); “Naquele momento, me dei conta de que o amor não pode viver escondido, que o amor demanda reverência coletiva” (2004, p. 48). Clara e Ana clareiam o que a literatura tentou manter no obscuro silêncio dos outsiders quando os estabelecidos lhe davam voz.

No Brasil, um dos primeiros livros lançados com o viés da não heterossexualidade ou tendo ampliadas as possibilidades de ser, no sentido das identidades de gênero, foi *O menino que brincava de ser*, de Georgina Martins (Editora DCL, 2000).

Nesta narrativa encontram-se experiências de construção de identidade de gênero e sexualidade vivenciadas por um menino. A trama traz o caminho da criança em compreender-se e construir um olhar sobre ela mesma, seja por modelos masculinos, principalmente pautados nos discursos de personagens adultos e tendo como referência todo o universo cultural em que circula, seja pelas dúvidas, vontades e anseios de atitudes e atividades “ditas” não masculinas, como sensibilidade e criatividade.

Percebe-se que o personagem principal sofre várias situações pautadas em um discurso homofóbico nos grupos sociais em que vive. Relevante para esse debate a atuação de seu pai, que julga estritamente necessário modificar os interesses do seu filho, direcionando-o para o futebol e práticas do “universo masculino”, por exemplo. Em diversas falas do garoto seus questionamentos pessoais são ilustrados: **“Teve um dia em que Dudu acordou com uma vontade enorme de brincar de ser de verdade. — Como assim, Dudu? Mãe, eu queria ser uma menina!”** (2000, p. 6). E em **“— Mas mãe, por que eu não posso ser menina? Você não é? — Mas eu nasci assim; você não, você nasceu como seu pai.”** (Ibidem, p. 8).

De uma escrita delicada e sutil, a autora traz como enredo a busca do menino em relação a sua identidade de gênero e de sexualidade. Surgem conflitos da pressão social; e também a atitude da avó em auxiliá-lo a poder ser várias coisas, a poder gostar do colorido, de fantasiar-se de menina, bruxa, fada e de brincar de ser o que quiser.

Neste momento, aulas de teatro, sugeridas pela avó, parecem a solução para toda a angústia do garoto. Contudo, escolinha de futebol também já fora determinado pelo pai. Assim, Dudu percorre dois espaços distintos e, por vezes, exercita ultrapassar a fronteira do masculino para vivenciar práticas ditas “femininas”.

O conto “Frederico Paciência”, de Mário de Andrade, é uma narrativa expressiva da primeira tendência. A obra, pertencente à coletânea Contos novos, lançada postumamente em 1947, é narrado em primeira pessoa por Juca, que também é narrador em outras histórias da obra. Neste conto, Juca, já maduro e adulto, relata sua admiração e amor pueril por Frederico Paciência, seu então colega de escola, por quem ele registra ter sentido extremo afeto e apreço, “simpatia deslumbrada”, embora apenas vivida uma amizade profunda.

De acordo com Porto (2015), no decorrer da narração, Juca manifesta ter havido entre ele e Frederico Paciência um envolvimento afetivo que não passou despercebido pelos outros, embora os dois nunca manifestassem abertamente seus amores e encontros.

É nesse momento que o tom sugestivo da narrativa acerca da homoafetividade surge intensamente, pois, embora Juca registre a rejeição dos outros pelos dois na escola, não revela a sua homossexualidade, optando por

referir-se a uma "amizade agressiva" existente entre os dois, sobre a qual "não faltaram bocas de serpentes" e atitudes coercitivas que culminaram em briga de Frederico Paciência com colegas da escola quando este foi vítima de agressão verbal e insinuação clara sobre sua relação com Juca.

Desse modo, percebe-se que a homossexualidade nos períodos clássicos e contemporâneos trazem uma carga negativista de preconceitos e discriminações, mas que são evidenciados de forma diversa nos diferentes períodos literários. No Brasil contemporâneo, essa evidenciação é constatada de diversas maneiras, dependendo do ponto de vista do autor.

5 CONCLUSÃO

Discutir sobre a homossexualidade presente na literatura nos períodos clássicos e literários permitiu um entendimento sobre os estereótipos construídos ao longo dos tempos acerca dos homossexuais, considerando vários personagens emblemáticos presentes na literatura nos referidos períodos.

De modo geral, observa-se que a maneira como gays e lésbicas são apresentados na literatura são carregados de tabus, sendo que se evitava discutir sobre o assunto, uma vez que a homossexualidade foi por muito tempo considerada como desvio de caráter ou ainda como uma patologia. Dessa forma, na medida em que, para se fazer uma análise literária, era necessário considerar, primordialmente, a biografia do autor, os críticos da literatura evitavam abordar sobre os personagens homossexuais por receio de ofender os autores, uma vez que ser gay era uma ofensa, algo perpetuado pelo preconceito e ignorância.

Assim, conforme resultado da pesquisa, os personagens homossexuais da literatura clássica eram tratados de forma muito sutil devido ao preconceito exacerbado. As poesias de Safo de Lesbos retratam uma homossexualidade registrada de forma metafórica, que precisa de uma análise mais atenta para ser percebida. Por sua vez, na Literatura contemporânea, os personagens homossexuais são um pouco mais notórios, ainda que acompanhados de discriminação e preconceitos.

Atualmente, a homossexualidade deixou de ser considerada como doença mental pela Organização Mundial de Saúde, devido a incessantes lutas e movimentos gays. Como resultado dessas lutas, há uma maior compreensão e respeito com os homossexuais que são evidenciados em registro literários contemporâneos. Infelizmente, quando se pensa em homossexual ainda se tem uma ideia estereotipada como pessoas afeminadas, engraçadas ou com desvio de conduta, o que nem sempre são realidades condizentes com a real vivência desse grupo social.

Portanto, é necessário que a temática da homossexualidade deixe de ser tabu, sendo merecedora de exploração e esclarecimentos. Esta pesquisa possibilita uma discussão séria e proveitosa, tanto na área literatura quanto na sociedade como um todo, por uma causa tão justa e merecedora de respeito.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. **Poesias Nunca Publicadas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.

ACHCAR, Francisco. **Lírica e Lugar-Comum: Alguns Temas de Horácio e sua Presença em Português**. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de Cultura; vol. 4).

Alfred C. Kinsey In: **Archives Sex will never be the same: the contributions of of sexual behavior** 33(3), 2009

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Tradução Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994

ALMEIDA, Custódio L.S. **Hermenêutica e dialética- dos estudos platônicos ao encontro com Hegel**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. (Col. Filosofia , 135)

AMORIM, A & STENGE, M.. **Relações customizadas e o ideário de amor na contemporaneidade**. Estudos de Psicologia, (2014)

ASSIS, Machado de. **Relíquias de Casa Velha**. In: ASSIS, Machado de. **Obra Completa: volume II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=6090>>. Acesso em: 22 de novembro de 2013

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007

BALDERSTON, Daniel. **El Deseo, enorme cicatriz luminosa: Ensayos sobre homosexualidades latinoamericanas**. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Homoerotismo Em Questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006. p. 441.

BARBOSA, Raul de Sá. **Introduction to Bom-Crioulo: the black man and the cabin boy**. Trad. E.A. Lacey. San Francisco: Gay Sunshine, 1982.

BOUZON, E. **O Código de Hammurabi**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes; 1992

BUENO, Eva Paulino. Caminha, Adolfo. In FOSTER, David William, ed. **Latin American writers on gay and lesbian themes: A Bio-critical sourcebook**. Westport, Conn.: Greenwood, 1994.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús (2002). **Parcerias homossexuais: aspectos jurídicos**. São Paulo: RT, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 9 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

_____. **"A Personagem do Romance"**. In: CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CARVALHO, Nelson Luiz de. **O Terceiro Travesseiro**. Editora: GLS Número de páginas:208. Classificação: 3,5/5

CORTÁZAR, Julio. **"Alguns Aspectos do Conto"** In: CORTÁZAR, Julio. *Valise de Cronopio*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DOVER, K. J. **A homossexualidade na Grécia antiga**. Tradução Luís Krauss. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2007.

EAGLETON, Terry (2005). **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora Unesp.

FAJARDO, Miriam. **O ensino da análise de textos literários: uma abordagem semiótica e rizomática**. Londrina, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002

FONTES, Joaquim Brasil. **Eros, Tecelão de Mitos: a poesia de Safo de Lesbos**. Iluminuras: São Paulo, 2003

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY. R.M. **A voz das mulheres lésbicas: o discurso oculto ao desvendamento das vivências e do imaginário erótico**. Revista do Núcleo de Estudos da Sexualidade. Florianópolis: NES, v.1, n.1, ago./dez.1997.

GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. Tradução de Rolando Roque da Silva. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **"Editora Malagueta: Campo Literário e Identidade Lésbica"**. Revista Cerrados, v. 2, n. 32, Brasília, 2011

LE MOS, Saulo. **Sendas do homoerotismo. Literatura Gay**. Revista CULT-66. Ano VI. São Paulo: Editora 17, fev. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, Gênero e Sexualidade**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2000.

LOPES, A.C. **Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a Submissão ao Mundo Produtivo: o caso do conceito de contextualização**. Educação e Sociedade, ano XXIII, n.80, 2002.

MACIEL, Jessé dos Santos. **"Pílades e Orestes": a sedução das faces mudas**. Revista Urutágua, Maringá, n.9, abr/jul 2006.

MARSAN, Hugo. **Le gay Othello**. Le Monde des livres, Paris, p. III. 26 jan. 1996.

MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. v. 4, 1877-1896. 2.ed., São Paulo: Cultrix, 1979.

MENDES, Leonardo. **O retrato do imperador: negociação e sexualidade no romance naturalista brasileiro**. 1. ed: Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

MENEZES, Raimundo de. Adolfo Caminha, **Esse Desconhecido**. In CAMINHA, Adolfo. A Normalista. 3.ed.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOLINA, Cristian. **Relatos de mercado en la literatura mundial**. Disponível em: <www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab.../ev.3575.pdf>. Acesso em 26 dez. 2014.

MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2003.

_____. **Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MOSCOVICH, Cíntia (2004). **Duas iguais**. Rio de Janeiro: Record.

NAPHY, W. Born to be gay. **História da homossexualidade**. Tradução Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

PEREIRA, PEREIRA, Potyara.A..Do.Estado.social.ao.Estado.antisocial..In:.et.a.(Orgs). **Política social, trabalho e democracia em questão**. Brasília: Universidade.de.Brasília,.Programa.de.Pós-Graduação.em.Política.Social,. Departamento de Serviço Social, 2009.

PINHEIRO DA SILVA, Marcio Renato. **Mimesis a contrapelo: ficção e autobiografia nos romances Berkeley em Bellagio e Lorde**, de João Gilberto Noll. Remate de Males/Unicamp, Campinas, n. 29, p. 299-317, jul. /dez. 2009.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Paulus, 2004.

PORTO, Luana Teixeira. **Literatura e sociedade: uma leitura da representação da homoafetividade em contos brasileiros do século**. 2015

PLATÃO. **A Apologia de Sócrates**. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Col. obra-prima de cada autor).

_____. **O Banquete**. 2.ed. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores)

_____. **Fedro**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005. (Col. obra-prima de cada autor).

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito Contra Homossexualidade: A Hierarquia da Invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008.

QUIROGA, José. **Sexualidades en disputa: Homossexualidades, literatura y medios de comunicación en América Latina**. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2005.

RAMOS, Ana Margarida. (2009). **Saindo do armário – Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade**. Forma Breve, n. 7, 2009

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SANTOS, Célia Regina dos e WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. **Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

SANGALETTI, Leticia. **A representação da voz de minorias sexuais na narrativa de Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll**. 2013. 172f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2013.

SEFTON, Ana Paula. "Pai é de uso diário?" Representações de paternidade na literatura infanto-juvenil. Dissertação de Mestrado. Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006a. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/7677>.

_____. **Paternidades em las culturas contemporâneas**. In: Revista de Estudios de Género. La ventana, núm. 23, p. 37-69, México: Universidad de Guadalajara, 2006b. Disponível em <http://www.redalyc.org/pdf/884/88402304.pdf>.

SCHÜLLER, Donaldo. **Literatura Grega**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

STARZYNSKI, Gilda. Lesbos – **Safo e a Ode a Anactória**. In: Boletim de Estudos Clássicos, 7, 1968, p. 60-82

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. Representações da homossexualidade nos romances *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo. *Rascunhos Culturais*, Coxim-MS, v. 4, n. 8, p. 179-200, jul./dez. 2013. Disponível em: http://http://www.revistarascunhos.sites.ufms.br/files/2014/03/8ed_artigo_10.pdf
Veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/big-data-e-o-cerebro/

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação básica: política e gestão da escola.**/ Sofia Lerche Vieira. Fortaleza: Liber Livro, 2008. (Coleção Formar).

VIERA, E. D. & Stengel, M. (2010). **Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós- Modernidade**. *Aletheia*, 32, 147-160

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000